

em resposta à crítica de Mílson
Henriques à classe teatral capixaba
("Um artigo fascista" A. L.)

BR.TBES.C.619

10

O medo de ser devorado

Agostino Lazzaro

Pier Paolo Pasolini, preocupado com as contradições e as questões fundamentais de sua época, dizia ser necessário ter consciência do mal burguês, a fim de intervir eficientemente sobre esse fato, e contribuir para fazer que ele seja um pouco mais positivo do que negativo.

Acreditava que um dos sintomas do mal burguês era precisamente o terrorismo moralista e ideológico mesmo em suas manifestações mais ingênuas.

Para Pasolini, a codificação do desespero em formas de contestação puramente negativas era uma das grandes ameaças do futuro imediato. Já que o sistema fornecia (e ainda fornece pelo menos para uma minoria) um jogo completo de instrumentos de conhecimento da realidade, recusar-se ao uso desses instrumentos significava não querer "conhecer" a realidade, isto é, querer morrer.

Quando a persona se expõe, ela nos reserva o direito de concordar-

mos ou não com as suas afirmações, questionarmos a sua prática, ou até considerarmos a sua inutilidade.

A persona existe em função do público que lhe delega poderes.

Na sua atuação (não importa o veículo), a persona pode ser reacionária ou progressista. Tudo dependerá da consciência que o indivíduo tem de si e do mundo do qual faz parte.

Por ser de caráter público (portanto efêmero), a persona jamais esteve, está, ou estará acima do bem e do mal se antes não superar a si mesma, interferindo e atuando positivamente na sociedade em que vive.

Às vezes, realmente, resta-lhe pregar no deserto. Pois a sua ação (ou a sua inércia) não corresponde mais aos anseios do público que avançou e desenvolveu a sua consciência crítica. Neste caso, cabe à persona quebrar o espelho e destruir a imagem que o aterroriza (a imagem de si mesmo, já que não foi capaz de se ver nos outros).

Questionar o teatro é antes de mais nada, questionar a si próprio, rever ou reformular seus conceitos

a sua participação na sociedade, como também a atitude individual ou coletiva para transformá-la.

O fato de se questionar o teatro capixaba, para nós, é a afirmação incontestável de que ele existe. A despeito de tudo. Mesmo que lhe falte amadurecimento e plenitude artística. É bom lembrar que vivemos num dos Estados mais pobres do país. Um país do Terceiro Mundo. Com um quadro sócio-econômico e político à beira do caos desde a sua tomada pelos portugueses.

Se os "artistas" (como preferem alguns) ainda resistem mal e porcamente, é sinal de que mesmo com o desemprego (os meios de produção do teatro local ainda não atingiram o século XX) e sem direito à cidadania em sua própria terra, o tesão, a paixão pelo trabalho persiste.

Dizer que não há tesão no teatro local, apesar de todas as suas deficiências (e quem não é deficiente neste país?) é o mesmo que declarar publicamente nossa impotência como indivíduo, o que também pode ser um fato político insidioso: nego, logo existo.



O autor é ator profissional e membro da Associação Profissional dos Artistas e Técnicos em Espetáculos de Diversões do Estado do Espírito Santo (Apatedees)

De uma coisa temos certeza: não há possibilidade de renúncia. Seria muito fácil desistir. Ou melhor, seria uma traição à nossa dignidade como indivíduos e artistas.

Quando nos aconselham a estudarmos e a estudarmos muito, aceitamos honrosamente, é tudo que desejamos desde que a estrutura social econômica e política do país nos permita. Quem sabe poderíamos um dia sermos artistas, eliminadas as aspas, se nos dessem essa chance?

Sabemos que toda vez que se questiona o teatro, estamos questionando a sua linguagem, a sua ação, a sua atitude num determinado lugar, num determinado momento.

O fato teatral será sempre um fato concreto. O teatro, pela sua condição, jamais poderá ser sonhado. Mas poderá ter as imagens do sonho trabalhadas e representadas pelos seus signos.

O verdadeiro teatro representa um perigo muito grande para quem o faz e para quem o assiste. O teatro consegue até mesmo aprisionar o tempo e desmistificá-lo. O teatro é e será, como um câncer que não se pode extirpar. O fim do teatro seria o mesmo que o fim da sociedade. O teatro não foi. É. O passado não cabe no teatro. A não ser quando reinterpretado e revelado à luz do momento presente.

Pode-se também dizer que o teatro, devido à sua dinâmica, con-

ta com a instabilidade e a flutuação dos elementos humanos essenciais para a sua realização.

O teatro exige uma visceralidade, uma entrega tão violenta quanto cruel. Eis porque representamos uma ameaça ao corpo social a que pertencemos.

Como cidadãos capixabas, temos no teatro local, todos os estímulos para desistirmos. Permanecem apenas aqueles que, mesmo sem o saber, podem oferecer seu sangue, seu corpo, sua vida.

Antonin Artaud, do alto de sua lucidez, concluía que não era mais possível continuar a prostituir a idéia de teatro que só seria válido se tivesse uma ligação mágica, atroz, com a realidade e o perigo. Que não se devolveria ao teatro sem poderes específicos de ação antes de sua linguagem lhe ser devolvida.

Sabemos que devemos modificar e desenvolver a nossa prática.

Questionando o teatro, estamos questionando o homem e o seu estar no mundo. O que é no mínimo uma atitude saudável no momento em que estamos vivendo. Em que prevalece o desrespeito, o terror, a mediocridade e a insensatez.

Como diria Artaud: é aqui que começam as cataratas.